

¿A SITUAÇÃO É REVOLUCIONÁRIA?

O velho propagandista libertário que é Sebastião Faure vem apreciando, em *Le Libéraire*, a situação da França, concluindo que essa situação é absolutamente revolucionária como iã-mais o foi.

Duma maneira geral, pode francamente afirmar-se que a situação da Europa inteira, com excepção talvez dos países escandinavos, é revolucionária. A própria Inglaterra, onde o capitalismo europeu parecia estar mais solidamente instalado, acusa sintomas de desagregação e crise capitalista insolúvel. E' certo que o orçamento inglês está equilibrado, que a sua moeda quasi caminha em valorização ao par do *dollar*. Mas isto não basta. O comércio inglês sofre há muitos anos do mal do estagnamento, o que implica a paralização dum grande número de oficinas e o aumento constante do exército dos sem-trabalho. Além disso, o movimento social-democrata, que nos outros países constitue a melhor salvaguarda dos interesses burgueses, como vemos na Alemanha e na Austria, ali evoluciona para a esquerda, empurrado pela força das circunstâncias. No Congresso Socialista Internacional de Marseilha, os socialistas ingleses marcaram um lugar à parte, na extrema esquerda, reclamando a guerra de classes contra a guerra dos povos. Mas o que assombra mais os estadistas ingleses é ainda o movimento sindical, com a sua unidade, com a sua disciplina, encorajado pelas suas recentes vitórias — a dos mineiros e a dos operários do têxtil. Porém, na Inglaterra, onde

os homens de Estado o são de verdade, as cousas passar-se hão de maneira diferente do que nos países latinos, germânicos e eslavos, habituados à prática da violência.

Sim, como diz Faure, a situação da França é revolucionária, assoberbada como está por uma crise financeira profunda, a que o próprio Caillaux, a quem se não pode negar competência e tacto, não vê saída. Mas, ¿que dizer então da Alemanha, da Polónia, da Hungria, da Austria, da Itália e da Espanha, e, sobretudo, dos Estados balcânicos? Na Europa, o capitalismo baila sobre um vulcão. As condições objectivas revolucionárias estão amplamente verificadas.

Mas não bastam as condições objectivas. As condições objectivas — crise do Estado e do capitalismo — são aquelas que não depende da nossa vontade o criá-las. De facto, não foi a propaganda revolucionária que criou essas condições e é mesmo incapaz a propaganda de lhes dar corpo. Foi a guerra que minou os alicerces do capitalismo e preparou a derrocada.

Todavia, o capitalismo, mesmo incapaz de resolver as suas crises, mesmo no estado de falência em que se encontra, não cai por si, e, ao contrário, recorre a todos os processos e expedientes para manter-se. E que o consegue tem-se visto. Há sete anos que vivemos na Europa em plena crise capitalista e, no entanto, o capitalismo subsiste. E' que é preciso que às condições objectivas revolucionárias correspondam as condições subjectivas, isto é, aquelas

que a nossa vontade, o nosso conhecimento exacto da situação, a nossa consciência de classe, saibam criar, edificar e desenvolver. Quere dizer: é preciso levar as cousas a ponto tal que nem os governos tenham o prestígio suficiente para se fazerem obedecer nem os governados tenham o temor da desobediência. Esta situação dá a a unidade dos esforços operários na luta contra o Estado e o patronato, uma grande precisão e clareza nos objectivos revolucionários, a audácia e espirito de sacrificio das minorias conscientes.

São estas condições subjectivas indispensáveis que não estão ainda realizadas. Mas, na Europa, as circunstâncias forçarão breve à sua realização.

Entretanto, o capitalismo tem ainda longos anos de vida fora da Europa. Os países novos da América do Sul oferecem um largo campo de realizações capitalistas. E' ali que está o seu futuro, que, aliás, não será nem tam risonho nem tam duradouro como o foi na Europa.